

CONTRA-COLONIZANDO A UNIVERSIDADE: A *ENCONTRO DE SABERES* E O *NOTÓRIO SABER* COMO *CONFLUÊNCIA DE MUNDOS*¹

Eráclito Pereira (FABICO/UFRGS)

Marília R. A. Stein (Instituto de Artes/UFRGS)

Rumi Regina Kubo (FCE/UFRGS)

Valéria Viana Labrea (FACED/UFRGS)

Palavras-chave: Encontro de Saberes; Notório Saber; Racismo Epistêmico.

Introdução

A universidade brasileira, historicamente constituída sobre bases eurocêtricas, enfrenta no século XXI o desafio de superar o racismo epistêmico (Carvalho, 2022). Esta ideia não se refere apenas à exclusão de corpos negros e indígenas dos espaços acadêmicos, mas à sistemática deslegitimação de seus respectivos sistemas de conhecimento. A política de cotas raciais iniciou uma mudança significativa na demografia discente, mas o currículo e a estrutura docente permaneceram, em grande medida, monoculturais. Com isso, a diversidade chega à universidade, mas os educandos são compelidos a se moldar à arquitetura institucional, impedindo que a academia se reconfigure a partir de suas existências. É neste cenário que emerge o projeto da transdisciplina *Encontro de Saberes* (ES) — como atividade de ensino em 2016 e como projeto de extensão em 2017 — e, os desdobramentos associados, como a necessidade do reconhecimento do título de *Notório Saber* (NS) para o Mestre ou a Mestra das culturas tradicionais e populares que atuam junto às universidades.

Este artigo discute a importância da movimentação política e pedagógica anti-monocultural no Ensino Superior, analisando a implementação da transdisciplina *Encontro de Saberes* como uma ferramenta de cotas epistêmicas (Carvalho, 2022) e o reconhecimento do *Notório Saber* como um ato de justiça cognitiva. Para sustentar essa análise, propomos uma articulação teórica entre Basarab Nicolescu e Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo). Ao longo do texto, iremos refletir sobre como a *transdisciplinaridade* (Nicolescu, 1999) e a *biointeração* (Bispo, 2023) não são apenas conceitos abstratos, mas as bases operacionais para contrapor à lógica do saber sintético

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

acadêmico e para reencantar a universidade, através da *confluência* de saberes disciplinares diversos com os saberes orgânicos. Para isso, alternamos a discussão teórica com exemplos de vivências junto aos mestres, mestras e estudantes, em diferentes semestres ao longo destes dez anos. As vivências foram registradas em diários de campo, zines, cancioneros e dossiês de *Notório Saber* -, que funcionam como evidência empírica da confluência aqui proposta.

A Confluência de Mundos: o diálogo entre a transdisciplinaridade de Nicolescu e a biointeração de Nego Bispo

Ao analisarmos a crise da universidade contemporânea, encontramos uma convergência entre o pensamento de Basarab Nicolescu e Antônio Bispo dos Santos. Ambos identificam que a fragmentação do conhecimento — operada pela lógica ocidental — gerou uma cegueira diante da complexidade da vida. Relacionar suas obras (Nicolescu, 1999; Bispo, 2015, 2023) nos permite fundamentar a *Encontro de Saberes* e o *Notório Saber* não apenas como reparação histórica, mas como uma necessidade epistemológica urgente que irá contribuir para a efetivação de uma política de equidade na Educação.

O ponto de partida para essa articulação é a crítica ao modo como a modernidade organiza o saber. Nicolescu descreve o big-bang disciplinar como um processo que pulverizou o conhecimento em centenas de especialidades incapazes de dialogar, criando uma torre de Babel que gera incompetência diante dos problemas reais. Nego Bispo (2015), por sua vez, nomeia esse mesmo fenômeno de saber sintético. Para Bispo, a ciência ocidental opera pelo desenvolvimento — *des-envolver* —, separando o sujeito do objeto e dissecando a vida para arquivá-la em bibliotecas, consideradas por ele um cemitério de saberes.

Ambos os autores destacam aspectos críticos dessa separação entre os saberes de forma hierarquizada. Para Nicolescu², ela impede a compreensão do mundo presente; para Bispo, ela cria analfabetos de biointeração e promove a cosmofofia ou o medo intrínseco da natureza. A possível saída para este dilema para Nicolescu está na noção de *transdisciplinaridade*, aquilo que está *entre*, *através* e *além* das disciplinas. É aqui, em

² Importante reconhecer, ao trazer este autor, a menção também às ideias de Edgar Morin sobre complexidade que, mesmo não sendo aqui trazido para a discussão, são basilares em nossos debates.

nossa leitura, que a figura do Mestre ou da Mestra Tradicional dialoga com a transdisciplinaridade.

O Mestre ou a Mestra das culturas tradicionais e populares descrito nos processos de *Notório Saber* é um polímata, a encarnação viva da transdisciplinaridade. Como aponta Bispo (2023), o saber orgânico não separa técnica de espiritualidade, nem arte de trabalho. Quando um mestre ou mestra quilombola ensina sobre ervas, ele ou ela está mobilizando botânica, reza - espiritualidade, história oral, oralidade e preservação ambiental simultaneamente. Ele ou ela opera no nível que Nicolescu chama de unidade do conhecimento. Sugerimos que, enquanto Nicolescu teoriza a transdisciplinaridade enquanto unidade de conhecimento como uma meta ideal a ser alcançada pela ciência avançada, Bispo demonstra que o saber orgânico das comunidades tradicionais já é prática cotidiana há séculos.

Reconhecer essa convergência, porém, exige nomear também as diferenças que a tornam produtiva. Nicolescu escreve de dentro da física teórica e da filosofia da ciência europeia, propondo a transdisciplinaridade como reforma epistemológica para uma modernidade em crise consigo mesma. Bispo escreve de dentro da resistência quilombola, a partir de um saber construído na marginalidade forçada pelo colonialismo — e que sobreviveu precisamente por não ter sido incorporado à academia.

Essa assimetria de lugar de fala não é detalhe: ela é o que confere peso político à convergência. Quando dois pensadores chegam ao mesmo diagnóstico — a fragmentação do saber como patologia do presente — partindo de posições tão distintas quanto a física europeia e a filosofia quilombola, o diagnóstico se fortalece em vez de se anular. O que Nicolescu propõe como horizonte utópico para a ciência avançada, Bispo demonstra que já é prática secular fora dela — e esse descompasso diz mais sobre os limites da universidade do que sobre os saberes que ela ainda não reconhece.

Nicolescu desafia a lógica binária clássica — ou é A ou é não-A —, propondo a Lógica do Terceiro Incluído, segundo a qual contradições aparentes se resolvem em um nível de realidade superior. Nego Bispo (2023) nos oferece um conceito análogo: a Confluência. Para Bispo, a colonização impõe a influência sobre o diferente como exclusão, enquanto a confluência permite que as diferenças se encontrem sem se anular. Assim, a sala de aula da *Encontro de Saberes* pode ser entendida como o terceiro incluído, um território de

confluência onde escrita e oralidade, inovação na ciência e tradição da ancestralidade deixam de ser antagônicos para se tornarem complementares, desafiando uma lógica binária de Ciência ou não-Ciência.

Incorporar o Notório Saber nas universidades é, sob a ótica de Nicolescu, preencher o vazio entre as disciplinas com a riqueza da realidade. Sob a ótica de Bispo, é permitir que a universidade seja *contra-colonizada*, aprendendo a compreender — prender com/abraçar — a vida em vez de apenas estudá-la. A união desses dois pensadores legitima o/a Mestre/a Tradicional como o(a) doutor(a) da complexidade e da biointeração, indispensável para uma ciência que queira, de fato, dialogar com a Terra.

A Encontro de Saberes: a sala de aula como território de Confluência de Mundos

A transdisciplina *Encontro de Saberes* na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) configura-se não apenas como uma oferta curricular, mas como um dispositivo de transformação institucional e epistemológica. Implementada desde o segundo semestre de 2016 e inspirada pelo projeto pioneiro da UnB, idealizado por José Jorge de Carvalho e Joaze Bernardino-Costa, a atividade de ensino busca superar a hegemonia do conhecimento eurocêntrico, reconhecendo a validade e a complexidade dos sistemas de conhecimento não ocidentais. Igualmente, rompe com as estruturas convencionais da academia ao promover uma descolonização epistêmica da universidade brasileira, trazendo mestres e mestras dos saberes tradicionais para dentro da sala de aula, não como objetos de estudo, mas como docentes. Com isso, se insere na luta por alterar a estrutura das grades curriculares para que os diálogos acadêmicos entre saberes incluam as cosmopercepções tradicionais, institucionalizando a garantia de que grupos historicamente marginalizados tenham suas perspectivas de mundo respeitadas e ensinadas no ensino superior.

Embora formalmente vinculada ao Departamento de Música do Instituto de Artes, a *Encontro de Saberes* transcende barreiras departamentais, constituindo-se como uma disciplina transdisciplinar e eletiva, aberta a estudantes de todas as graduações, da Saúde às Ciências Humanas, gerida por um coletivo docente de diversas áreas, incluindo Geografia, Museologia, Letras, Economia, Antropologia, Educação, Teatroe Música, Arquitetura, Agronomia. Segundo Stein *et al.* (2019), a experiência na UFRGS demonstra

que a transdisciplina não é apenas um espaço de transmissão de conteúdo, mas uma vivência *interepistêmica* que envolve corpo, oralidade e memória.

A metodologia da transdisciplina baseia-se na docência compartilhada, um arranjo pedagógico que subverte a hierarquia tradicional da sala de aula. Nela, o Mestre ou a Mestra das culturas tradicionais e populares não figuram como objetos de estudo ou convidados ilustrativos, mas assumem a posição de docentes com plena autoridade epistêmica. Essa dinâmica exige que a universidade reconheça a oralidade não como ausência, mas como presença, com toda sua complexidade. Aqui, a crítica de Bispo (2015) ao adestramento escolar é superada por uma educação baseada no envolvimento: o aprendizado ocorre através do corpo, da performance e da ritualística, desafiando o logocentrismo e o saber sintético. Ao/À professor(a) universitário(a) cabe o papel de anfitrião(ã) ou parceiro(a), atuando como um(a) mediador(a) que facilita o diálogo entre os saberes hegemônicos no ambiente acadêmico e os saberes tradicionais, traduzindo as demandas institucionais sem silenciar a voz do(a) mestre(a).

Essa dinâmica exige que a universidade reconheça a oralidade não como a ausência de escrita, mas como um sistema complexo e sofisticado de edição e transmissão de conhecimento. Essa perspectiva desafia a estrutura disciplinar rígida, e possibilita uma prática pedagógica que ecoa o que Nego Bispo (2015) chama de *confluência*. Para o pensador quilombola, a colonização opera pela imposição e pela verticalidade, enquanto a vida nos territórios tradicionais opera pela circularidade e pela interação biofísica. Trazer o mestre ou a mestra para a sala de aula é permitir que a oralidade — que para Bispo não é a falta de escrita, mas uma forma completa de editar o mundo através da palavra falada — ocupe o centro da produção de conhecimento.

Nomear esses avanços não significa ignorar os riscos estruturais que os ameaçam. O principal é o da folclorização: trazer mestres e mestras como docentes pode, sem cuidado metodológico, reproduzir a lógica de tratamento do saber orgânico como uma curiosidade exótica em vez de autoridade epistêmica. A ES guarda-se contra esse risco por pelo menos três mecanismos concretos: pela docência compartilhada — escuta profunda ao/à mestre/a, a suas orientações metodológicas e conceituais — com paridade de carga horária e remuneração; pela avaliação que legitima oralidade, corporeidade e afeto como critérios — e não apenas a transcrição ou análise do que o/a mestre/a disse; e pelas saídas de campo, que invertem a direção do saber, levando a universidade ao território em vez

de sempre trazer o território à universidade — permitindo a compreensão experiencial e corporal de práticas culturais e contextos de significação.

Um segundo risco estrutural (epistêmico e administrativo) que deve ser cuidado é o da homogeneização: “saberes tradicionais” é uma categoria ampla que abriga cosmo-percepções distintas, por vezes em tensão entre si. A ES não pretende resolver essa tensão apagando diferenças, mas operá-la como confluência: o conflito entre cosmologias é ele mesmo pedagogicamente valioso, pois revela que não existe um único sul epistêmico, mas uma pluralidade de mundos que a universidade precisa aprender a hospedar sem hierarquizar.

Um terceiro risco, diretamente ligado ao Notório Saber, é o da burocratização: o título pode acabar aprisionando o mestre ou a mestra na lógica do currículo Lattes, exigindo produção no formato que o saber orgânico recusa. A Resolução n.º 11/2022 guarda-se parcialmente contra isso ao não exigir publicações no formato convencional — mas a vigilância permanente é necessária para que o reconhecimento não se converta em domesticação.

Como aponta Carvalho (2021), a universidade, ao se abrir para esses saberes, transita da disciplinaridade para a transdisciplinaridade — *transdisciplina*, pois os conhecimentos tradicionais não obedecem à fragmentação departamental ocidental. Um(a) mestre(a) de cultura popular, ao ensinar, por exemplo, pode mobilizar simultaneamente música, história, matemática e botânica. Ele(a) é, em nosso entendimento, a encarnação viva da *Unidade do Conhecimento* buscada por Nicolescu. Além disso, as saídas de campo para territórios onde vivem esses(as) mestres(as), mencionadas nos planos de ensino, permitem que os(as) estudantes vivenciem a territorialidade dos saberes, conceito caro a Bispo, entendendo que o conhecimento não reside apenas na mente, mas na relação com o território.

Na práxis cotidiana da ES, a fronteira entre teoria e prática é dissolvida. O aprendizado ocorre através do corpo, da performance, da música e da ritualística, desafiando o logocentrismo ocidental. O plano de ensino da ES ao longo dos anos e os relatos de edições anteriores mostram que, como já mencionamos, a sala de aula se expande para além dos muros da universidade, com saídas de campo para territórios como quilombos, comunidades indígenas e comunidades-terreiros de matriz africana, permitindo que

os(as) estudantes vivenciem a territorialidade dos saberes. Mestre Pingo Borel, Mestra Maria Elaine Rodrigues Espíndola, Mestra Joana Cavalcante, Mestre Churrasco, Mestra Gãh Té, Mestre Paraquedas e Mestra Julia Gimenes, entre outros(as) tantos(as) Mestres e Mestras que passaram pela ES, trazem para o currículo cosmovisões que a bibliografia eurocêntrica jamais conseguiria abarcar sozinha.

O impacto político da *Encontro de Saberes* na UFRGS ultrapassa a formação discente; ela atuou como o motor político para a institucionalização do *Notório Saber* para intelectuais tradicionais e populares. A presença constante e disruptiva desses mestres e mestras evidenciou a contradição de tê-los(as) como professores(as) de fato, mas sem o reconhecimento de direito. Foi a partir dessa vivência em sala de aula que se construiu a base argumentativa para a Resolução nº 11/2022, consolidando o entendimento de que esses mestres e mestras possuem senioridade, e seus saberes tradicionais, complexidade equivalente ao Doutorado acadêmico. A disciplina foi acionada, portanto, como uma ferramenta essencial de combate ao racismo epistêmico e de promoção de justiça cognitiva.

Passada uma década desde sua implementação inaugural, o plano de ensino de 2026/1 (Encontro de Saberes/UFRGS, 2026) evidencia não apenas a resiliência, mas a consolidada expansão institucional desta iniciativa. Longe de se esgotar, o movimento alcançou uma transversalidade abrangente, integrando a quase totalidade das áreas do conhecimento na UFRGS — das ciências exatas, biológicas e da saúde às artes, letras e ciências humanas. A articulação do eixo *Alimento e Rito*, voltado à dimensão social e ritualística da comensalidade, exemplifica essa vitalidade pedagógica. A permanência de parte dos autores neste coletivo docente, somada à integração de novas parcerias, sublinha que a confluência aqui descrita transcende o caráter episódico, consolidando-se como um processo estruturante que permeia, de forma capilar, a arquitetura da universidade.

Experiências de *Confluência*: a força germinante da oralidade de mestres e mestras no ambiente acadêmico

Se a convergência entre Nicolescu e Bispo fundamenta o arcabouço teórico para compreendermos as tensões na *Encontro de Saberes*, são as memórias tecidas em quase uma década de práxis — através de diários, zines e processos de *Notório Saber* — que materializam essa confluência como uma vivência corporificada. Tais registros,

construídos na reciprocidade entre discentes e mestres(as), não buscam meras comprovações, mas testemunham o encontro intepistêmico. Resgatamos esses relatos para que o saber orgânico atravessasse a teoria, permitindo que a *palavra germinante* (Bispo, 2023) desestabilize o saber sintético.

Vale notar que esses registros não são marginais à disciplina: desde sua criação, o Diário de Campo constitui um dos instrumentos de avaliação da *Encontro de Saberes*, ao lado do Trabalho Coletivo, com peso equivalente (Encontro de Saberes/UFRGS, 2026). A cada módulo, pede-se ao(à) educando(a) que registre, por escrito, imagem, som ou outra linguagem, a escuta profunda do encontro com o(a) Mestre(a), articulada ao próprio pensamento reflexivo. A oralidade, a corporeidade e o afeto tornam-se, assim, como já observado, critério avaliativo legítimo para quem aprende, o que torna insustentável a permanência dessa lacuna institucional na universidade, a qual precisa legitimar formalmente como docente quem efetivamente exerce o ensino.

No módulo *Plantas e Espírito*, a Mestra Gáh Té (Iracema Nascimento) e o Mestre João Padilha, do povo Kaingang, apresentam aos(às) educandos(as) uma cosmologia organizada pela dualidade complementar entre *Kamé* e *Kainru-kré* — os gêmeos ancestrais que trazem, respectivamente, a energia do Sol e da Lua, força e agilidade, listras e círculos. “Meu avô dizia que é a lua que faz o caminho para o sol”, ensina Mestra Iracema (Brum *et al.*, 2019), frase que poderia servir de epígrafe à própria Lógica do Terceiro Incluído de Nicolescu: entre os astros não há hierarquia, há caminho, complementaridade, confluência. Dessa cosmologia nasceu, em 2017, o zine *Kainru e Kamé: cosmologia Kaingang*, produzido coletivamente. O processo incluiu a confecção de um maracá (*syg syg*), instrumento sagrado Kaingang. Antes disso, Gáh Té pediu permissão aos espíritos da mata e também às pessoas mais velhas e sábias de sua comunidade, para sua criação. Após compreender as condições da autorização, antes de ensinar sua montagem à turma de estudantes e docentes, orientou a turma a tocar o *syg syg* com muita concentração e respeito, “com o coração”.

Os(as) educandos(as) acompanharam ainda Mestra Gáh Té e Mestre João Padilha em uma caminhada pelo Morro Santana — território de luta histórica da família para poder voltar a entrar na mata —, vivenciando o que Bispo (2023) chama de territorialidade do saber: o conhecimento não habita apenas a mente, mas a relação com a terra. Ao final do módulo, a turma organizou a arrecadação de uma cesta de alimentos para a família, gesto de

reciprocidade que eles devolveram, ano após ano, com novas aulas e caminhadas na mata. Também algumas das produções resultantes dos trabalhos do(a)s discentes converteram-se em peças de divulgação incorporadas aos materiais disponíveis ao público nas participações em feiras e em eventos, bem como em documento para fundamentação técnica de suas reivindicações.

O circuito de reciprocidade — aula, caminhada, cesta de alimentos, trabalhos de campo, nova aula — não é detalhe afetivo: é a demonstração empírica de que o saber orgânico, ao contrário do sintético, não existe separado da relação que o sustenta. Nenhuma bibliografia poderia ter ensinado isso — precisava ser vivido, e registrado como vivência. É precisamente esse caráter irredutível da experiência que fundamenta a reivindicação do Notório Saber: o que Mestra Gãh Té e Mestre João Padilha ensinam não pode ser transcrito para um artigo sem perder a sua substância.

Um segundo registro, produzido por estudantes em diálogo com mestras e mestres Mbyá-Guarani das aldeias da Lomba do Pinheiro, do Som do Pássaro e do Campo Molhado (RS), leva essa territorialidade a outro plano. Em *Por que a tua casa não tem janela?*, narrativa ilustrada produzida na disciplina, esse grupo composto por pessoas de diferentes cursos parte da experiência de uma educanda do curso de arquitetura, que relata o estranhamento ao visitar uma casa sem janelas — porém de frente para uma paisagem que “só se via de fora”. A casa do mestre, registra o relato, não tem separações internas nem muitos móveis: tem espaço vazio para acolher as pessoas, e ao centro uma fogueira ilumina, esquenta e permite o momento de partilha. Já a casa da educanda, contrasta a narrativa, tem cada vez mais janelas buscando a paisagem e foi separada em “pedacinhos”: lugar de dormir, de comer, de estar sozinho, de se estar junto — um inventário de funções fragmentadas que a casa indígena desconhece, e que depende, para se esquentar e se iluminar, da eletricidade, do dinheiro e do governo.

Difícilmente encontraríamos uma ilustração mais precisa, em linguagem de estudante, da diferença que Bispo (2015) estabelece entre *envolvimento* e *desenvolvimento*: de um lado, a casa que se envolve com a terra, com o fogo e com os corpos reunidos em torno da partilha, feita para “voltar a ser terra”; de outro, a casa que se desenvolve fragmentando o espaço, isolando funções e tornando-se dependente de redes que não controla. A confluência, aqui, não é metáfora: é o desenho de uma planta baixa ao lado da outra .

O que esse zine produzido por estudantes demonstra não é ilustração de uma tese: é ele mesmo um ato epistêmico. Ao registrarem o estranhamento da estudante, não reproduzem o que aprenderam através da experiência da colega — aprendem a nomear algo que a academia ainda não tem categorias para avaliar. Nisso reside a potência pedagógica da confluência: a teoria não antecede a experiência; ela emerge dela.

No módulo *Sociedades e Cosmovisões*, a Mestra Griô Maria Elaine Rodrigues Espíndola, liderança do Quilombo da Mocambo, oferece talvez a articulação mais direta entre os dois autores que sustentam este artigo. Ao falar sobre a transmissão de seus saberes, Mestra Elaine retoma de Bispo (2023) a distinção entre a *palavra germinante* — com trajetória, cosmológica, viva — e a *palavra teórica* — morta, sem trajetória, estacionária (Espíndola *et al.*, 2024). É, em outros termos, a mesma distinção entre saber orgânico e saber sintético que orienta nossa leitura de Bispo neste artigo, agora articulada pela própria Mestra em sala de aula. Quando, na primeira aula da disciplina, Mestra Elaine orienta a turma a “caminhar na calçada oposta para ver o seu vizinho, mas também para ver como é a sua” (Espíndola *et al.*, 2024), ela convoca exatamente a alteridade que, para Nicolescu, resolveria a lógica do terceiro excluído: só vendo a própria calçada a partir de fora a universidade pode reconhecer sua cosmofobia.

No Quilombo da Mocambo, por décadas, uma árvore conhecida pela comunidade como “grande baobá” ou “árvore do lembramento” — em contraposição à árvore do esquecimento das narrativas da negra diáspora — recebia bilhetes de estudantes e visitantes em seu tronco, até sua remoção pelo poder público em 2022. Em 2017/1, num dos relatos mais lembrados pela turma, Mestra Elaine tomou nos braços Anita, filha recém-nascida de uma estudante, gesto descrito por uma colega como “a continuidade da história, a continuidade da vida, a continuidade dos saberes” (Vieira, 2017 *apud* Espíndola *et al.*, 2024). Pedagogia do afeto, presença e oralidade: a sala de aula, aqui, deixa de ser metáfora da confluência e se torna, literalmente, lugar de acolhimento e de memória.

Já o Mestre Griô Eugênio Silva de Alencar — Mestre Paraquedas, paraquedista, sambista, carnavalesco, compositor, intérprete e contador de histórias do Morro da Vila São José — leva à disciplina o que o cancionário organizado pela turma chama de “uma história para ser (re)contada”. Composições como *Fuxico*, *Yagô Laroyê*, *Lembro quando meu avô dizia* e *Meu canto é Banto* condensam, numa única canção, história oral, espiritualidade

de matriz africana, crítica social e pedagogia intergeracional: em *Fuxico*, o cotidiano de uma aldeia — remédios, festas, simpatias, benzeduras — é narrado pelo gesto, à primeira vista fútil, de “fazer fuxico”; em *Lembro quando meu avô dizia*, o verso “estuda pra um dia tu ser ‘dotô’” sintetiza gerações de famílias negras que apostaram na educação como travessia, sem abrir mão de quem se é — “sempre fui consciente do que sou, trabalhador, batalhador”.

Uma das composições do Mestre, *É morro, é favela, é gueto, é quilombo*, foi censurada pela ditadura militar — lembrança que, em sala de aula, transforma o samba em arquivo de resistência tão rigoroso quanto qualquer documento oficial, ainda que registrado pela oralidade, pelo corpo e pelo ritmo. Como descreve o próprio cancioneiro, o encontro com o Mestre “rompe com a linearidade do tempo e com as rotinas acadêmicas marcadas, hegemonicamente, pela lógica da construção do conhecimento verticalizada e produtivista” (Alencar, 2017) — definição que, sem alterar uma palavra, poderia descrever o próprio big-bang disciplinar criticado por Nicolescu (1999).

Os diários de campo discentes registram, por fim, o efeito formativo desses encontros sobre quem os vive. No semestre 2016/2 — marcado pela ocupação estudantil contra a PEC 55 —, uma estudante anotou, ao ouvir o sambista Mestre Jorge Domingues, que “lemos mais sobre as coisas do que olhamos para elas” (Dilger, 2016). A frase resume, no calor da aula, o desafio pedagógico da transdisciplinaridade: aceitar um saber sem exigir a referência bibliográfica que o legitime.

No mesmo semestre, o cacique Mbyá-Guarani Maurício Messa de Oliveira ensinou à turma a noção de parentesco por comida — são parentes aqueles que comem a mesma comida —, transformando uma refeição compartilhada na aldeia do Lami em aliança momentânea entre mundos. A mesma estudante resume, numa frase, o método que atravessa esses relatos e que poderia descrever a própria *Encontro de Saberes*: “sem projetos, e sim experiências” (Dilger, 2016).

São esses encontros — o maracá que se toca com o coração, a casa sem janelas que se funde com a paisagem, a árvore do lembramento, o samba que guarda a história de uma aldeia — que, multiplicados em quase dez anos de (trans)disciplina e registrados em diários, zines e dossiês, constroem o substrato empírico sobre o qual se sustenta a reivindicação do *Notório Saber* para os Mestres e as Mestras. Não se trata de mestres e

mestras que “ilustram” uma aula, mas de docentes cujos saberes, como veremos a seguir, atendem — e excedem — os critérios de senioridade, polimatia e reconhecimento comunal que a própria universidade exige de seus(as) doutores(as).

O *Notório Saber*: senioridade, *polimatia* e reconhecimento

Para que a presença desses mestres não seja eventual ou folclorizada, a institucionalização através do título de *Notório Saber* (NS) é fundamental. Diferente do título de *Honoris Causa*, que possui caráter honorífico e de homenagem, o *Notório Saber* é um título de trabalho equivalente ao Doutorado, que reconhece a qualificação técnica e científica de saberes construídos majoritariamente fora da academia, habilitando o mestre ou a mestra a atuar no ensino, pesquisa e extensão com remuneração e direitos equiparados.

Carvalho (2021) situa a luta pelo *Notório Saber* dentro do movimento *Encontro de Saberes*, iniciado na UnB em 2010, que visa incluir mestres e mestras tradicionais como docentes em disciplinas de instituições acadêmicas. Ele defende que, após a conquista das cotas raciais (que trouxeram os corpos negros e indígenas para a universidade), é necessário implementar cotas epistêmicas. Isso significa incluir os diferentes e variados sistemas de conhecimento desses povos na estrutura curricular, não apenas como objeto de estudo, mas com seus próprios detentores na posição de autoridade pedagógica.

A Resolução nº 11/2022 da UFRGS, por exemplo, estabelece critérios claros para esse reconhecimento, que dialogam diretamente com as características apontadas por Carvalho (2016):

- *Polimatia e Transdisciplinaridade*: os mestres dominam múltiplos campos do saber de forma integrada. Como sugere Carvalho (2016), essa profundidade de saber faz deles inspirações vivas para a *transdisciplinaridade* de Nicolescu (1999), pois rompem com a fragmentação especializada que caracteriza o big-bang disciplinar.
- *Senioridade e Saber Orgânico*: a senioridade exigida não é apenas tempo, mas maturidade de um saber orgânico (Bispo, 2023), testado e aprovado pela vida comunitária. Diferente do título *Honoris Causa*, que é honorífico, o NS reconhece a qualificação técnica de um saber que, embora não seja escrito, possui rigor e método próprios da oralidade.

- *Reconhecimento Comunal*: a validação vem da comunidade, reforçando a ideia de Bispo de que o saber só existe se for compartilhado e útil para a manutenção da vida como a biointeração.

Ao conceder o *Notório Saber*, a universidade admite que a escrita acadêmica não é a única forma de registro de conhecimento complexo. Como nos lembra Nego Bispo (2023), o saber universitário é muitas vezes um saber sintético, preservado em arquivos como os livros e as bibliotecas, que precisa ser esquentado para ter vida. O saber dos mestres e das mestras é um saber orgânico, vivo na memória e na prática cotidiana. O *Notório Saber* é o reconhecimento de que as instituições de ensino superior precisam desse saber orgânico para não sucumbirem à sua própria aridez epistêmica.

Carvalho (2021) argumenta que a universidade brasileira, historicamente eurocêntrica e mono-epistêmica, precisa superar a exclusão desses saberes para se descolonizar. A concessão do NS é apresentada como uma revolução acadêmica necessária para permitir que esses(as) mestres(as) atuem formalmente como docentes e pesquisadores(as) no ensino superior, equiparados aos(as) doutores(as) acadêmicos(as).

O memorial de Mestra Elaine Rodrigues Espíndola, organizado em 2024 pelo coletivo docente da *Encontro de Saberes* em conjunto com o Quilombo da Mocambo, ilustra concretamente como esses critérios se verificam na prática. Mais de vinte anos de atuação documentada — do reconhecimento como Griô em 2009 à liderança em conselhos de saúde, no Orçamento Participativo e no Acampamento Farroupilha — articulam-se a uma produção que entrelaça história oral, etnobotânica, educação patrimonial e gestão cultural, comprovando tanto a senioridade quanto a polimatia exigidas pela Resolução nº 11/2022 (Espíndola *et al.*, 2024).

O reconhecimento, nesse caso, não é unilateral: nasce do entrelaçamento entre a escrita do coletivo docente, de familiares da Mestra e de gerações de estudantes que registraram, em seus próprios trabalhos, o impacto desse saber. A UFRGS não está sozinha nesse movimento: mestras e mestres como Sueli Maxakali, Joelson Ferreira de Oliveira e Dirceu Ferreira Sérgio já tiveram seu *Notório Saber* reconhecido em universidades brasileiras (Encontro de Saberes/UFRGS, 2022), evidenciando que a confluência aqui descrita não é uma experiência isolada, mas um movimento nacional de cotas epistêmicas em curso.

Contra a colonização pelo saber: a *viração* e a universidade *pluriversa*

A introdução do *Notório Saber* e da *Encontro de Saberes* enfrenta resistências que são, em essência, coloniais. Antônio Bispo dos Santos (2015) nos oferece uma chave de leitura crucial ao diferenciar envolvimento de desenvolvimento. Para ele, os povos tradicionais se *envolvem* com a terra e com os seres, enquanto a sociedade colonial busca o *desenvolvimento*, que implica desmembrar e explorar a natureza.

Ao trazer mestres e mestras para a universidade, corremos o risco de tentar *academizar* seus saberes, transformando-os em dados mortos. Bispo alerta para o perigo de sermos adestrados pelo sistema colonial, mesmo quando tentamos incluí-lo (Bispo, 2023). Portanto, o *Notório Saber* não deve servir para enquadrar o mestre ou a mestra na burocracia do *lattes*, mas para aquilombar a universidade, trazendo para dentro dela a lógica da *viração* e da biointeração.

Para Bispo (2015), a *viração* é a prática quilombola de reversão e subversão das lógicas coloniais: não a negação frontal do sistema — que acabaria reforçando seus termos —, mas a torção, o desvio, a mocambagem: usar os instrumentos do opressor para transformá-los por dentro. Trazer o Mestre Paraquedas para uma cátedra universitária sem exigir que ele publique artigos em periódicos Qualis é, nesse sentido, um ato de *viração*: usa-se o aparato institucional para subverter a hierarquia epistêmica que esse mesmo aparato sustenta. A ES e o NS, entendidos dessa forma, não são concessões da universidade ao saber tradicional — são estratégias de aquilombamento da própria universidade.

A noção de universidade pluriversa, mobilizada pelo pensamento decolonial (Escobar, 2016; Walsh, 2018), aponta para além da inclusão: não se trata de adicionar cosmo-percepções tradicionais à margem de um currículo eurocêntrico intacto, mas de reorganizar a própria lógica da universidade a partir do encontro entre saberes tratados como iguais. Uma universidade pluriversa não é aquela que tolera a diferença — é aquela que só existe como confluência. Nesse sentido, a ES não é um experimento periférico dentro da UFRGS: é um laboratório do que a universidade poderia ser, se levasse a sério a afirmação de que o conhecimento, como sustenta Nicolescu (1999), é ao mesmo tempo uno e múltiplo.

Ao discutir a formulação de uma prática antropológica antirracista, Carvalho (2022) postula que as *cotas epistêmicas* representam o desdobramento indispensável para a plenitude das ações afirmativas. Enquanto a vertente étnico-racial assegura o ingresso dos corpos, a dimensão cognitiva acolhe os espíritos e intelectos. Desse modo, o entrelaçamento entre o pensamento de Nicolescu e o de Nego Bispo evidencia que tal transição transcende a esfera puramente política, constituindo uma virada epistemológica: trata-se da única maneira capaz de desvencilhar a academia de sua aversão à natureza, fecundando a emergência de uma *universidade pluriversa*.

Considerações Derradeiras

A consolidação da transdisciplina *Encontro de Saberes* e a outorga da titulação de *Notório Saber* aos sábios das culturas tradicionais distam de ser atos beneméritos da instituição acadêmica; constituem, em verdade, um imperativo categórico para sua autossustentação e legitimidade contemporânea. A maturidade desses detentores de saberes evoca a herança ancestral que, na dicção de Nego Bispo, nos sintoniza com o *começo, meio e começo*, fraturando a teleologia linear e apocalíptica da matriz ocidental.

É neste sentido que lembramos uma reflexão do Mestre de capoeira, criador e construtor de instrumentos musicais, músico e filósofo, além de educador, Mestre Churrasco (Jean Batista Cleber Teixeira Santos), primeiro Mestre de culturas tradicionais e populares Doutor por Notório Saber na UFRGS (2026), pelo Programa de Pós-graduação em Música:

Ali (na roda de capoeira) tem a música, uma música estranha que o berimbau aponta para cima, é o arco musical, uma ponta está apontando para terra e a outra para o céu. E se for descrever a trajetória dele, circular, que faz toda uma volta que vem da terra, passa pelo céu e volta e termina, mas é uma trajetória invisível. E ali dentro da roda há outro círculo também, um na vertical e outro na horizontal, que é o círculo humano dos capoeiristas. (Dornelles; Goellner, 2013, p. 253).

Mestre Churrasco foi docente da *Encontro de Saberes* por duas ocasiões (2018, 2024), e exposições virtual (2022) e presencial (2024) foram realizadas sobre a sua trajetória pelo Museu da UFRGS com diversas colaborações pessoais e coletivas. Trabalhos coletivos na ES reverberaram as confluências das aulas em performances coletivas e na produção de uma “banca do berimbauzeiro”, na Feira de Agricultores Ecologistas (2024), na Av.

José Bonifácio, em Porto Alegre, com finalidade de divulgação e comercialização de suas criações instrumentais. Nestes deslocamentos do Mestre, ensina sobre interações com materiais orgânicos como as madeiras, para a feitura dos berimbaus e tririmbaus, as fibras e sementes, para moldagem dos chocalhos e de suas sonoridades, sobre as escutas na mata, os movimentos do corpo em diálogo com galhos e raízes, sobre a confecção de registros, giros e mudanças de perspectiva, para a reflexão sobre a construção de mundos.

Validar tais matrizes cognitivas implica confluir com Nicolescu na premissa de que o saber é simultaneamente íntegro e plural, e com Bispo na urgência do envolvimento para refrear o desenvolvimento ecocida. É precisamente nesse entroncamento entre o pensamento transdisciplinar e os legados da terra que despontam alternativas para diferir o término do planeta (Krenak, 2019) e forjar uma práxis pedagógica autenticamente plural.

Uma década de trajetória da *Encontro de Saberes* associada aos debates iniciais sobre o *Notório Saber* no âmbito das pós-graduações da UFRGS comprovam o vigor real dessa transição. Contudo, os gargalos institucionais permanecem nítidos: a inexistência de uma regulamentação nacional que normatize essa titulação no território brasileiro perpetua a vulnerabilidade desse processo, sujeitando-o às oscilações da governabilidade local de cada centro de ensino.

Embora a UFRGS tenha avançado por uma senda já desbravada por outros núcleos, sua universalização nacional requer a formatação de um arcabouço normativo amplo, pleiteado há tempos por Carvalho (2021) e pelos(as) ativistas da *Encontro de Saberes*. Do mesmo modo, a atualização do quadro de professores — mediante concursos públicos que validem itinerários vitais e orgânicos em paridade com as titulações tradicionais — desponta como o limite intransposto da contra-colonização acadêmica. Alterar as grades curriculares, sem transformar o perfil do corpo docente, configura a reiteração da assimetria outrora desnudada pelas políticas afirmativas: o pluralismo penetra as salas, mas a espinha dorsal da instituição preserva sua rigidez monocultural.

A indagação que encerra esta reflexão constitui o nó mais complexo: qual será a fisionomia do espaço universitário quando cessar a necessidade de justificar a equivalência epistêmica entre uma liderança de quilombo e um pesquisador titulado em centros europeus? Quando a confluência deixar de ser uma ação pontual para se instituir como o alicerce primeiro? Longe de ser uma provocação abstrata, esse questionamento

baliza o destino utópico e educativo que a *Encontro de Saberes* tateia e descortina a cada novo ciclo letivo.

Referências

ALENCAR, Eugênio Silva de. **Songbook Mestre Paraquedas**: Fuxico, Yagô Laroyê, Lembro quando meu avô dizia, Meu povo Bantu. Cancioneiro produzido coletivamente na disciplina Encontro de Saberes/UFRGS, 2017.

BISPO, Antônio dos Santos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015. Disponível em: <http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2026.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8748486/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2026.

BRUM, Camila Torres *et al.* Perspectivas Kaingang em diálogo com as Fóg: da produção do zine “Kamé e Kainru: Cosmologia Kaingang” na Encontro de Saberes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA, 3., 2019, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2019.

CARVALHO, José Jorge de. Notório Saber para os Mestres e Mestras dos Povos e Comunidades Tradicionais: Uma Revolução no Mundo Acadêmico Brasileiro. **Cadernos de Inclusão**, Brasília, v. 7, n. 16, mar. 2021.

CARVALHO, José Jorge de. Cotas étnico-raciais e cotas epistêmicas: bases para uma antropologia antirracista e descolonizadora. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, e2830402, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/4rNKfJNPyc4sFLSfDXc4n9m/?lang=pt>>. Acesso em: 29 jun. 2026.

CARVALHO, José Jorge de. Sobre o Notório Saber dos Mestres Tradicionais nas Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa. **Cadernos de Inclusão**, n. 8, Brasília: INCTI/UnB, 2016.

DILGER, Francisca Shelley. **Cutucando pensamentos:** reflexões a partir das anotações de diário de campo. Diário de campo, disciplina Encontro de Saberes/UFRGS, 2016/2.

DORNELLES, Ederson; GOELLNER, Silvana. Capoeira no Rio Grande do Sul e oralidade: a trajetória de um mestre. **História Oral**, v. 16, n. 1, p. 235-255, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=281>. Acesso em: 30 jun. 2026.

ENCONTRO DE SABERES/UFRGS. **Oficina:** Notório Saber para mestras e mestres tradicionais e populares na UFRGS. Apresentação, Salão de Extensão UFRGS, 2022.

ENCONTRO DE SABERES/UFRGS. **Plano de Ensino:** Encontro de Saberes (ART03946), 2026/1. Porto Alegre: Departamento de Música, Instituto de Artes/UFRGS, 2026.

ENCONTRO DE SABERES/UFRGS. **Por que a tua casa não tem janela?** Narrativa ilustrada, trabalho discente (acervo da disciplina), 2018.

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar com la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur. Revista de Antropología Iberoamericana, v. 11, n. 1, Enero-Abril, p.11- 32, 2016.

ESPÍNDOLA, Maria Elaine Rodrigues et al. **Ensinar pela mocambagem e griotagem:** memorial descritivo sobre a vida e obra da mestra griô Maria Elaine Rodrigues Espíndola. Dossiê para fins de indicação ao título de Doutora por Notório Saber, PPGEDU/UFRGS. Porto Alegre, 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORIN, Edgar. Os desafios da complexidade. In: MORIN, E. (org). A religação dos saberes. O desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 559-567.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999. Disponível em: <<https://es.scribd.com/document/671117935/Manifesto-Da-Transdisciplinaridade-Nicolesco>>. Acesso em: 20 maio 2026.

STEIN, Marília Raquel Albornoz et al. A interdisciplina Encontro de Saberes/UFRGS como proposta investigativa-metodológica. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 7., 2019, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Resolução nº 11, de 16 de fevereiro de 2022**. Estabelece as normas para a concessão do título de "notório saber". Porto Alegre, 2022.